

Silva-C-135



a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 186

Director: ALEXANDRE VAZ

14 DE JANEIRO DE 1993

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL

GOVILDE

Festa da Solidariedade Social do concelho de Terras de Bouro

PÁGINA 6



XXVI DIA MUNDIAL DA PAZ - 1 DE JANEIRO DE 1993

Se queres a Paz vai ao encontro dos pobres

Mensagem de Sua Santidade JOÃO PAULO II

PÁGINAS
7 e 8

Terras de Bouro e Caminha vão ter Casas Concelhias

O processo de constituição da futura **Casa do Concelho de Terras de Bouro** terá o seu início já no próximo dia 31 de Janeiro, no encontro que se realizará pelas quinze horas, nas instalações da **Casa de Ponte de Lima**, sita na Rua de Campolide, 316, junto a Sete Rios.

Logo a seguir, os naturais de Caminha promovem um encontro semelhante no dia 7 de Março com o objectivo de formar também a sua Casa do Concelho, a qual terá lugar na **Casa de Arcos de Valdevez**.

Decididamente, a constituição de associações regionalistas de âmbito concelhio está na ordem do dia. E, a acreditar no seu êxito, eleva-se para sete o número de concelhos minhotos representados na capital.

Quanto ao encontro de terrabourenses, espera-se que o mesmo venha a constituir uma verdadeira festa ao nosso regionalismo, pelo que desde já se exorta os nossos conterrâneos a levarem as suas concertinas e outros instrumentos musicais.

O **Rancho Folclórico da Casa de Ponte de Lima** dará as boas-vindas aos terrabourenses e animará o encontro.

— Terras de Bouro quer a sua Casa do Concelho!

SUMÁRIO

LUZ NO ESCURO DUMA VIDA 2

PELO SANTUÁRIO 3

SOUTO: CANTOU-SE OS REIS NA FREGUESIA ... 6

DESPORTO 9

Apontamentos da minha agenda:

ESTA DAS MULHERES SEREM PADRES..... 10

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEME CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR
Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO
José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Santuário de Nossa Senhora da Abadia
Santa Maria de Bouro
4720 AMARES
Telefone (053) 37197

PROPRIETÁRIO
Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM
Palácio de Exposições e Desportos
Telefone 74087
4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00
NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL
3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes
de «A Voz da Abadia» — enviando-nos,
devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Benfeitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

**Nas páginas
deste Jornal
o seu nome
nunca fica mal...**

**Por isso anuncie
n'A VOZ DA ABADIA**

Luz no Escuro duma Vida

Cap. ARAÚJO

Nasci, há 63 anos, de pais muito pobres, mas de sentimentos profundamente cristãos, em Figueiredo, do Arciprestado de Amares, onde resido. Sou o primeiro de dez irmãos e foi-me dado o nome de *JOSÉ MARIA* de Araújo.

Dos 4 aos 12 anos de idade, morei, com meus pais e irmãs, em Telhado, de Vila Nova de Famalicão. Ali, fiz a Primeira Comunhão e Profissão de Fé, e frequentei o Ensino Primário Elementar. Sofri de muitas provações e fui mesmo um menino do pé-descalço.

Entretanto, qual pintainho a quem sua mãe ordena a busca do próprio alimento, fui-me preparando para a vida, toda ela polvilhada de sacrifícios, contratempos e sofrimentos de toda a espécie.

Assim, consegui, mercê de ajudas de benfeitores e de privações em família, obter a equivalência ao antigo 7.º ano. Durante os estudos, dediquei-me à música sacra e, nas férias, angariava, por isso, uns significativos tostões para subsidiar algumas despesas domésticas.

Depois, um dia, lá veio a Inspeção, tendo sido «Considerado Apto para todo o Serviço Militar», e mandaram-me, quase em seguida, para Tavira. Ali, tirei um Curso e, durante o mesmo, fui o «*menino bonito*» da música nas Igrejas daquela Cidade.

Depois, já graduado, vim para Braga. No Quartel do «*OITO*», ao tempo no Campo da Vinha, instrui centenas de jovens, tratando-os sempre como se fossem meus irmãos mais novos. E a Igreja do Pópulo, onde era organista na «*Missa do Soldado*», às 11 horas de cada Domingo ou dia santificado, foi meu esconderijo, sempre que cansado e precisado de diálogo com o Senhor.

Uns anitos mais, fui para a Lusa Atenas. Entretanto, pensei no matrimónio com a Severina, que conheci de quando, ainda bastante jovens, éramos catequistas e elementos do coro paroquial. E decidimos, pois, unir num só, os destinos de ambos, em Janeiro de 1956. Deus fez o resto, acompanhou-nos e fomos sempre muito felizes.

Nasceram dois filhos. A *Olívia das Dores*, que já nos deu duas netas e três netos; e o *José Paulo*, duas netas.

De Coimbra, voltámos para Braga. Já no *Quartel-Novo*, conheci diversos Capelães muito amigos, a quem ajudava principalmente nas Comunhões Pascais, no canto e como organista.

Mas, a partir de 1960, a Guerra do Ultramar alterou imenso a minha vida e a vida em família. Sofri com os horrores das quatro Campanhas em 15 anos, e a Severina e filhos com as amarguras e inconvenientes da minha ausência.

Foram, portanto, oito os anos passados por África. Os sete restantes fizeram da nossa vida uma vida desproveita e sem sentido, face às minhas sucessivas transferências e multiplicidade de funções atribuídas.

Por todas àquelas bandas, procurei ajudar os

Capelães e alguns Missionários, dos quais jamais esquecerei uns quantos.

Entretanto, naqueles sete anos, em dois deles frequentei o Instituto Superior Militar de Águeda, cujos estudos e seus resultados me permitiram ascender ao Oficialato. Ali, concretizei uma velha aspiração, isto é, organizar e dirigir um autêntico Orfeão, a quatro vozes, sempre com cerca de oitenta elementos (camaradas de Curso), que operou nas festas do Instituto, Natal e Comunhões Pascais.

Terminada a guerra colonial, fui colocado definitivamente em Braga. Então, sim. Desde agora, quer no Aquartelamento, quer especialmente na Paróquia e a partir de 1980, passei a dedicar os tempos livres ao serviço dos meus párocos nas mais variadas tarefas.

Um dia —já lá vão cinco anos—, no final dum Tríduo, o Pregador perguntou-me se gostaria de «*servir*» a Igreja, mas como ministro ordenado. Fiquei surpreso e como que perturbado com o «*convite*». Depois de uns segundos de reflexão, disse-lhe que iria pensar nisso muito a sério e que, posteriormente, transmitiria, ao pároco, a decisão tomada.

O «*chamamento*» começou a manifestar-se e, aos poucos, o sonho de «*serviço*» foi amadurecendo, tornando-se mais claro com o facto de o Concílio Vaticano II ter possibilitado a restauração do Diaconado Permanente, o que constituiu, para mim, um passo novo, mas ainda não definitivo.

Reflecti durante duas semanas, e disse que *SIM*.

Daí, comecei a minha caminhada de quatro anos e meio, sempre acompanhado pela Severina, a minha fidelíssima amiga de todos os dias. Ela nunca se opôs. Pelo contrário, esteve e continua sempre a meu lado, não obstante as limitações de tempo e outros condicionalismos.

Tanto ela, como nossos filhos e netos, me ajudam voluntária e responsabilmente. Por isso, são ela e eles o meu especial «*serviço*», para além de estar convicto de que me está reservado papel relevante na Igreja e no Mundo.

Obtive a preparação teológica na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, em Braga, tendo sido instituído Leitor em 15 de Agosto de 1991, na Sé Catedral; Acólito, em 8 de Dezembro do mesmo ano, na Cripta do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro; e, finalmente, ordenado Diácono Permanente, na Sé, na manhã do último Domingo de Junho do ano passado.

Sinto agora, mais que nunca, experimentar e viver uma verdadeira vocação. Que bom e confortante dar-me, sem reserva, ao serviço da Família, do meu Bispo, da Igreja e da minha Comunidade, e representar, no exercício do meu ministério, o mesmo Cristo, Cabeça do Corpo Místico!

Resta, agora, que *ELE* continue a ajudar-me, para, mais e melhor, *O* servir em cada um dos meus Irmãos.

Novena poderosa ao Menino Jesus de Praga

Oh! Jesus que disseste: Pede e receberás. Procura e acharás: Bate à porta e se abrirá. Por intermédio da Vossa Sagrada Mãe, eu bato, procuro, e vos rogo que minha prece seja ouvida (mencionar-se o pedido).

Oh! Jesus que disseste: Tudo que pedirdes ao Pai em meu nome Ele atenderá por intermédio de Maria Vossa Sagrada Mãe. Eu humildemente rogo ao Vosso Pai, em Vosso nome para que a minha oração seja ouvida (mencionar-se o pedido).

Oh! Jesus que disseste: O Céu e a Terra passarão, mas a minha palavra não passará; por intermédio de Maria Vossa Sagrada Mãe eu confio que a minha oração seja ouvida (mencionar-se o pedido) 3 Ave Marias e uma Salve Rainha. Amen.

No caso de urgência faz-se a oração em 9 horas e manda-se publicar a graça obtida.

L. M.



FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária
Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
Funerais e Transladações para todo o País.
Coroas e Palmas em flores naturais.
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

PELO SANTUÁRIO



CASAMENTOS

Realizaram o seu casamento católico no Santuário de Nossa Senhora da Abadia:

No dia 19 de Dezembro de 1992 — Manuel Isidro da Silva e Natália Duarte Xavier, ele natural da freguesia de Verim, Póvoa de Lanhoso e nela residente; a nubente natural de Puteaux, França, e residente na freguesia de Dornelas, Amares.

No mesmo dia — Manuel Dias Pires e Severina Maria Gonçalves Lopes, ele natural da freguesia do Mosteiro, Vieira do Minho e nela residente; ela natural da freguesia de Bouro (Santa Maria), onde reside no lugar de Lordelo.

No dia 26 de Dezembro de 1992 — Domingos Fernandes Braga e Fernanda Manuela Alves da Cunha, ambos os nubentes naturais da freguesia de Bouro (Santa Maria), Amares e na mesma residentes.

No dia 2 de Janeiro de 1993 — José de Jesus Gonçalves da Silva e Maria das Neves Sousa da Silva, ele natural da freguesia de Bouro (Santa Maria) e nela residente, no lugar de Lordelo; ela natural da freguesia de Parada de Bouro, Vieira do Minho, e na mesma residente.

No mesmo dia — Francisco de Barros Gomes e Maria Adelaide de Sousa Oliveira, o nubente natural da freguesia de Carrizado, Amares e nela residente; a nubente natural da freguesia de Bouro (Santa Maria), Amares, onde reside no lugar de Parada de Frades.

No dia 3 de Janeiro de 1993 — Manuel José Marques da Silva e Rosalina Moreira Gomes, ele natural da freguesia de Parada de Bouro, Vieira do Minho e na mesma residente; ela natural da freguesia de Guilhofrei, Vieira do Minho, onde residia no lugar de Vila Boa.

Votos de Boas Festas

O cap. Dr. João da Silva Marques, apresentou ao Presidente da Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Abadia e a todos os irmãos, os seus votos de Boas Festas, dum Santo Natal e dum Feliz Ano Novo.

O Sr. Presidente e os irmãos da Confraria estão muito gratos ao Dr. João Marques e retribuem-lhe com votos sinceros dum próspero Ano Novo de 1993.

OFERTAS

Emília Rosa Alves Rodrigues 1.000\$00
Casimiro Fernandes de Azevedo, Parada, Valdozende 2.000\$00
Anónima 500\$00
O menino Henrique dos Anjos Domingues entregou uma oferta que recebera para os moxos, para os bancos novos e para os genuflexórios da capela mor, de 810.000\$00.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Pagaram a assinatura de «A Voz da Abadia», o que muito agradecemos, os estimados Amigos deste Jornal:

Padre Albertino Martins, Braga	1.200\$00
António José Marques, Terras de Bouro (2 anos)	2.400\$00
Maria Lurdes Soares Leite, Terras de Bouro (2 anos)	2.400\$00
José da Silva Rebelo, Terras de Bouro	1.200\$00
António Maria Soares (Benfeitor), Terras de Bouro	5.000\$00
António Gonçalves Araújo (Benfeitor), Terras de Bouro	5.000\$00
José Álvaro Gomes Gonçalves, Braga	1.500\$00
José Luís Carvalho Pinheiro, Braga	1.500\$00
António Manuel Alves, Gerês	1.500\$00
Mário Fernandes Alves, Gerês	1.500\$00
Virgílio Martins Ribeiro, Porto	1.500\$00
José Gonçalves Pereira, Bouro	5.000\$00
Manuel Joaquim Silva Carvalho, Goães	2.400\$00
Armindo José de Sá, Bouro	1.200\$00
José Luís Pereira Portela, Póvoa de Lanhoso	7.000\$00
José Manuel Gonçalves, Vilar da Veiga	1.500\$00
Delfim da Silva Pinto, Rendufe	4.800\$00
José João da Silva Araújo, Bouro	1.500\$00
Artur Antunes Carneiro, Luxemburgo	1.500\$00
José Manuel de Araújo Pereira, Bouro	1.200\$00
António Ramalho Dias, Austrália	1.500\$00
Manuel Joaquim Antunes, Bouro	2.500\$00
António Antunes Carneiro, Bouro	1.200\$00
Domingos Marques de Oliveira, Terras de Bouro	1.200\$00
Dr. Camilo Batista de Sousa, Lisboa	1.200\$00
Luís Soares, Bico (Amares)	1.200\$00
Manuel Azevedo Antunes, Lisboa	2.400\$00
Manuel Domingues Ribeiro, França	1.500\$00

PROMESSAS

Anónima	11.000\$00
Augusto de Azevedo Esteves, Vilela (Amares)	5.000\$00
Esmeraldina Ascenção Lopes, Bouro (Sta. Maria) (5.000\$00 para N.ª S.ª da Abadia e 500\$00 para S. Brás)	5.500\$00
João Baptista Antunes, P. de Frades, Bouro St.ª Maria	5.000\$00
Luís Manuel Fernandes, Bouro St.ª Maria	5.000\$00
Anónima	1.300\$00
Ermelinda Rosa Lopes, Parada de Bouro	1.000\$00
João Baptista Domingues, Parada de Frades	1.000\$00
José Maria Rodrigues	1.000\$00
Maria da Conceição da Costa Rodrigues	1.000\$00
Anónima	1.000\$00
Eugénio Martins, Chorense	500\$00

Deram mais as seguintes promessas anónimas: 2 de 10.000\$00; 3 de 5.000\$00; 1 de 2.500\$00 num cheque; 2 de 2.000\$00 e 24 de 1.000\$00.

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÊNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106

Telefone 993176

4720 AMARES

Fernando
OCULISTA

ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR

Rua do Souto, 23
(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703
4700 BRAGA

CARDOSO DA SAUDADE

— FATOS

— CALÇAS

— CASACOS

— BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

DORNELAS

Ceia de Natal

A Escola Primária e o Jardim de Infância realizaram em conjunto no dia 18 de Dezembro, uma verdadeira Ceia de Natal, com muitas crianças, onde não faltou as batatas, o bacalhau, o bolo-rei, entre outros pratos típicos desta quadra.

Foi um alegre convívio na cantina da escola primária, entre alunos, professores e funcionários que correu num clima de verdadeira confraternização.

Festa de S. Sebastião

Realizaram-se no passado dia 2 e 3 de Janeiro as tradicionais festas em honra de S. Sebastião.

No sábado, dia 2 de Janeiro durante o dia houve música gravada e à noite por volta das 21.30 horas iniciou-se a actuação do conjunto «Arte e Som».

Às 12 horas foram queimadas várias ses-

sões de fogo preso e de artifício.

No domingo, dia 3 da parte da manhã, houve às 10.30 h., missa cantada pelo grupo coral da freguesia. Da parte da tarde pelas 14.30 h., houve sermão e procissão com diversos andores. No final dos actos religiosos seguiu-se o bazar de prendas e a partir das 20 h., a actuação do Rancho Folclórico de S. Vicente do Bico. Sessões de fogo encerraram as festividades de 1993.

Baptizados

Foi baptizado no dia 25 de Dezembro na igreja paroquial de Dornelas o menino *Luís Miguel*, filho de Hilário Velloso da Rocha e Maria Conceição Araújo Silva.

Em 27 de Dezembro o menino *Gary*, filho de António Pereira Vieira e de Maria de Fátima Araújo Silva.

Em 10 de Janeiro a menina *Mariana Luísa*, filha de António Pereira da Silva e Augusta Luísa P. Fernandes.

Casamento

Celebrou-se no dia 28 de Dezembro, o casamento de *José da Silva Meira*, do Lugar da Portela do Vale, da freguesia de Vilela, com *Maria Dolores Tinoco Queirós*, do Lugar das Boucinhas, Goães.

Ao novo casal desejamos as maiores felicidades.

Baptizados

EM DEZEMBRO

— *André Narciso*, filho de Manuel Luís Fernandes e Fernanda Teresa Almeida Rodrigues.

— *Anabela*, filha de António Alberto da Silva

Fernandes e M.^a Almerinda Fernandes de Freitas.

— *Cristiano Augusto*, filho de Augusto Freitas de Sousa e M.^a Alzira Oliveira Ribeiro.

— *Letícia*, filha de Ramiro Rocha Martins e M.^a Felisbela Queirós Pinheiro.

— Os gémeos: *Carlos Miguel* e *João Pedro*, filhos de Augusto Martins e Isabel Campos da Silva.

— *Elodie*, filha de Alberto Carlos Coelho Saraiva e M.^a de Fátima Antunes da Silva.

EM 2 DE JANEIRO

— *Tiago André*, filho de José Augusto da Silva Martins e de Alme-

rinda de Fátima da Silva Pinheiro.

Grupo de Jovens

Em meados de Dezembro teve lugar nesta paróquia o I Encontro com os jovens no sentido da formação de um grupo integrado na Pastoral Juvenil da Diocese.

A reunião foi orientada pela Joaquina Maria, animadora do grupo e assistido pelo Pároco.

A reunião foi muito concorrida e os jovens mostraram-se muito interessados e participativos.

Além da Joaquina há outros jovens a frequentarem cursos de forma-

ção para animadores de grupo.

Será bom que a juventude se vá interessando pela sua formação espiritual e que viva mais unida a Deus e à Igreja.

Cantares dos Reis

Os jovens atrás referidos tomaram a iniciativa de cantar os Reis por toda a freguesia.

Foi um gesto de solidariedade do agrado de toda a gente.

Gostamos de ver os jovens interessados em manter as tradições que criam um clima de amizade e entendimento na paróquia.

Parabéns aos jovens.

PADARIA UNIVERSAL

De António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS PREFIRA O DA PADARIA UNIVERSAL

TELEFONE 66125

SANTA MARIA DE BOURO - AMARES

«A Voz da Abadia, 14/01/1993

«AMARLUZ — ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE AMARES
N.º de matrícula 00205
N.º de identificação de pessoa colectiva —
N.º de inscrição 01
N.º e data da apresentação 7/92/12/18

JOSÉ ANTÓNIO LEMOS DE SOUSA, Ajudante em exercício, CERTIFICA, que entre Francisco Vieira de Barros, casado com Isaura da Silva, na comunhão geral; José Manuel da Silva Barros, casado com Maria Helena Fernandes da Costa, na comunhão de adquiridos; José Filipe da Silva Barros, solteiro, maior, e Maria Cristina da Silva Barros, todos residentes no lugar da Bornaria, Ferreiros, Amares, foi constituída a sociedade em epígrafe, que se rege pelo seguinte contrato:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma: «AMARLUZ — ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.», e tem a sua sede na Rua Martim Miniz, n.º 3, da freguesia de Ferreiros, deste concelho de Amares, e teve o seu início no dia um de Janeiro do ano corrente.

Parágrafo único: Por simples deliberação da gerência a sociedade poderá mudar a sua sede dentro do mesmo concelho ou concelhos limítrofes.

SEGUNDO — O seu objecto consiste na montagem e venda de material eléctrico, venda de electrodomésticos, artigos de decoração, bijouarias e brinquedos.

TERCEIRO — O capital social é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, integralmente reali-

zado em dinheiro e já entrado na caixa social, e corresponde à soma de quatro quotas, sendo uma de trezentos cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Francisco Vieira de Barros e três de cinquenta mil escudos, cada, pertencentes uma a cada um dos sócios, José Manuel da Silva Barros, José Filipe da Silva Barros e Maria Cristina da Silva Barros.

Parágrafo único — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital aos sócios, desde que deliberado em assembleia geral, até ao limite do capital social.

QUARTO — A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, e remunerada ou não, conforme for deliberado em assembleia geral, pertence a todos os sócios, desde já nomeados gerentes.

Parágrafo primeiro: Para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos que envolvam responsabilidade para ela, são necessárias as assinaturas conjuntas de dois gerentes, sendo sempre uma delas a do gerente Francisco Vieira de Barros. Para os actos de mero expediente basta a assinatura de qualquer um dos gerentes.

Parágrafo segundo: Ficam incluídos nos poderes de gerência a compra, venda e permuta de veículos automóveis, bem como tomar de arrendamento quaisquer locais.

Parágrafo terceiro: Os gerentes ficam proibidos de obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e documentos estranhos aos negócios sociais.

QUINTO — A divisão e cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios; para estranhos depende do consentimento da sociedade em primeiro lugar e dos restantes sócios em segundo lugar, aos quais é reservado o direito de preferência.

SEXTO — A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio se a mesma for arretada, arrolada, penhorada ou sujeita a qualquer procedimento cautelar ou administrativo, se o titular falir ou vier a ser declarado insolvente; se em divórcio, a quota não ficar a pertencer por inteiro ao sócio; e por acordo com o titular.

Parágrafo único: Se o titular estiver de acordo, o preço da amortização será o acordado; nos outros casos, será o constante do último balanço aprovado.

SÉTIMO — Por morte ou interdição de algum dos sócios, a sociedade continua com os herdeiros do falecido, que deverão nomear de entre si um que a todos represente na sociedade enquanto a quota se mantiver indivisa, e ou o representante legal do interdito ou inabilitado.

Está conforme o original.

Contém 3 folhas.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE AMARES, aos 23 dias do mês de Dezembro de 1992.

O AJUDANTE EM EXERCÍCIO,
José António Lemos de Sousa

FIGUEIREDO

Licenciaturas

Depois do sr. Padre Bernardino, cuja memória recordamos com saudade, começaram a aparecer, nesta freguesia, alguns *estudantes*, como o Carlinhos da Pala (falecido) e Zêzinho Pereira, os senhores Azambujas (Arnaldo e Alberto) e, depois, o Cap. Araújo e D. Maria do Céu Pinheiro.

Especialmente a partir dos fins da década de sessenta, vários foram os jovens que se decidiram pelas artes, ciên-

cias e letras. De momento, uns quantos alicerçam a sua licenciatura, no entanto, outros já a concluíram, como a Dr.^a Matilde e, mais recentemente, o jovem Dr. José Manuel Vieira da Costa Veloso Soares, filho do sr. Armindo Victoriano e D. Maria Adelina, licenciado em Economia e Finanças pela Universidade do Porto.

Janeiras e Reis

Como nos demais anos, a tradição das

Janeiras e Reisadas foi significativamente vivida nesta freguesia.

Foram diversos os grupos que, neste ano, se organizaram e percorreram os nossos caminhos, cantando e recordando, aqui e ali, o Nascimento do Menino-Deus.

Para além de alguns grupos constituídos por crianças das nossas Escolas, houve dois, formados por mais crescidos, orientados pelo António Gemieira e pelo Hermínio de Almeida, respectivamente.

Aniversário

Em 7 deste mês, o sr. Hermínio do Vale, pai do nosso assinante José Andrade do Vale, completou *oitenta* anos de idade.

Não obstante esta linda soma, o sr. Hermínio continua lúcido e saudável, caminha perfeitamente, alimenta-se sem limitações de maior e, curiosamente, vai à Missa *todos os dias*, indiferente a quaisquer perturbações atmosféricas.

Parabéns! (C.)

FERREIROS

TODOS OS REIS SE PROSTRARÃO DIANTE DELE

Viram o Menino com Maria, Sua Mãe. Prostrando-se, adoraram-no e ofereceram-Lhe presentes: Ouro, Incenso e Mirra.

Com o objectivo de reviver e estimular a recolha, a criação, a defesa e a preservação dos «*Cantares dos Reis*», como património cultural, um inegável valor da tradição e da fé, propõe-se o *Pelouro da Cultura* da Câmara Municipal de Amares, levar a efeito o 1.^o Encontro de Grupos de Cantares de Reis do Concelho de Amares, no dia 16 de Janeiro de 1993, cujo programa nos honramos apresentar-lhe:

20 horas — Concentração dos Grupos no Largo da Feira Nova.

20,30 horas — Desfile dos Reis Magos e dos Grupos participantes até à Escola Secundária de Amares.

21 horas — Visita ao Presépio ao vivo, pelo Grupo de Escuteiros de Rendufe, na referida Escola.

21,15 horas — Concurso de Cantares dos Reis,



no Polivalente da Escola Secundária.

23 horas — Distribuição de Lembranças, aos Grupos participantes.

Pensão
UNIVERSAL
ABERTA TODO O ANO
Restaurante
EM
TERMAS
DE CALDELAS
Telefones 36236 / 36286
4720 AMARES

**JORGE GONÇALVES
SEGUROS**

ESCRITÓRIOS:

EXPOSTO COMERCIAL - LOJA 8, R/C

FERREIROS — 4720 AMARES

TELEFONE 993275

VILELA

Há cerca de um ano, caiu muita terra do campo sobranceiro ao terreno da escola primária, tendo ficado a porta do edifício quase obstruída. Como era muito difícil entrar na escola a Câmara Municipal de Amares «mudou» a terra de sítio. A porta da escola deixou de estar obstruída, mas o recreio, já de si exiguo, ficou ainda mais pequeno. Disseram que era por algum tempo, mas ficou para a posteridade.

Além disso o risco de voltar a cair mais terra (e pedras) continua e aqui já se coloca o problema da segurança na escola — a altura da falésia é de 4 ou 5 metros, não existe um muro — o Inverno prevê-se rigoroso — está tudo a postos para que o acidente aconteça.

E como é melhor prevenir que remediar, aqui fica a chamada de atenção a quem de direito:

Os Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Amares devem ser mais criteriosos na definição das prioridades de serviço... É que apesar de o jardim da vila dar mais nas vistas quando a relva não é cortada que o caso acima referido, um acidente provocado por um problema que ninguém vê, ou quer ver, tem certeza repercussões negativas de maior alcance em todos os aspectos.

O Concelho de Amares não é composto apenas por cinco ou seis freguesias... são vinte e quatro e o sol quando nasce é para todos. — (C.)

PARADA DE BOURO

Casamento

Aos nove de Janeiro realizaram o seu casamento *Manuel José Marques da Rocha* e *Maria de La Salette da Silva Reguengo*, na igreja paroquial. Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Assine e divulgue
«A VOZ DA ABADIA»



**FÁBRICA
DE FATOS
CASACOS
CALÇAS**

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

COVIDE

Festa da Solidariedade Social do concelho de Terras de Bouro



Solidariedade, palavra rica em conteúdo: humano, social, cívico, cultural, partilha e amizade. Foi com este espírito que se realizou no dia 3 de Janeiro no Centro Social e Paroquial de Covide, o convívio de todas as direcções dos Centros Sociais e Paroquiais do Concelho, com a presença das altas individualidades do Governo: Deputado, Governo Civil, Centro Regional da Segurança Social, Instituto da Juventude, Câmara Municipal, Cruz Vermelha Portuguesa, representante da União da I.P.S.S., etc.

Houve música, alegria, diálogo, troca de impressões, todos se sentiram irmanados num mesmo ideal de serviço de ajuda mútua e de atenção ao meio.

O presidente do Centro Social e Paroquial de Covide, Rev. P.º Amadeu Lopes Soares, deu as boas vindas à Vice-Governadora Civil Dr.ª Filomena Bordalo, ao deputado Dr. Leite Machado, ao Dr. Manuel Lomba, presidente da Assembleia Municipal e presidente do C.R.S.S. de Braga, sr. Maia do Conselho Directivo do C.R.S.S., Dr. Barros do Instituto da Juventude, presidente da Câmara Municipal e Vereadores, Dr. Alvim presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, Rev. P.º Fernando Monteiro representante da União das I.P.S.S. e a todos os convidados e amigos presentes; disse em seguida que o momento presente era muito importante para o Centro Social de Covide que desde 1981 tem vindo a desenvolver com o maior empenho actividades nas Valências da 1.ª e 2.ª Infância, com o Jardim de Infância para 45 crianças e A.T.L. com 90. Na Valência da Família e Comunidade, tem um Centro de Artesanato, faz Formação Profissional, apoia a criação de postos de trabalho, organiza a Colónia de Férias e dá apoio habitacional sempre que possível.

Na Valência da 3.ª Idade, tem

internamento para 20 idosos e apoio ao domicílio, dá também apoios parciais aos idosos que o solicitam.

Havia porém uma faixa a descoberto, que eram as crianças mais pequeninas.

O Jardim de Infância não as podia admitir; as mães que pretendiam trabalhar e não tinham com quem as deixar, tudo isto somou uma série de ansiedades que o Centro Social já há muito vinha a sentir. Foi difícil a sua concretização, mas hoje o certo é que a Mini-Creche é uma realidade.



A todos quantos duma forma ou doutra apoiaram, um obrigado muito sincero do Centro Social. As crianças são o futuro da sociedade, os infantes de hoje são os adultos de amanhã, interessa modelá-los com padrões de educação, de nobreza e fidelidade, para podermos ter um mundo mais humano e mais justo. O Presidente da Câmara dirigiu a toda a assembleia palavras calorosas sobre a Acção Social no Concelho que está ainda muito aquém de atingir os objectivos pretendidos, tem havido dificuldades, mas é com alegria que se vê fervilhar já acções concretas que partindo um pouco deste 1.º pólo em Covide, vemos já Centros Sociais em Rio

Caldo, Moimenta, Chorense, Souto e Carvalheira, dirigiu um pedido de apoio ao Governo Civil e ao C.R.S.S. para se continuar a desenvolver este sector de actividades sociais com mais interesse e em todas as freguesias do Concelho, a Câmara está aberta e disposta a todo o apoio que lhe seja possível e venha de iniciativas locais.

Por fim falou a Dr.ª Filomena Bordalo num gesto de carinho e amabilidade que lhe é próprio, incentivou as direcções dos Centros Sociais a continuarem a ser generosos e dinâ-

micos, que as entidades oficiais apoiem as suas iniciativas que é muito bom que do terreno surjam aspirações e respostas concretas às necessidades do meio, só assim poderá haver solidariedade. Salientou ainda o seu contentamento por ser em Terras de Bouro o local do seu primeiro acto público como Vice-Governadora Civil. Procedeu à cerimónia da inauguração da Mini-Creche e a visita às instalações da Creche e do Centro Social.

No salão do Centro Social foi servido um lanche a todos os convidados e amigos que continuaram por alguns momentos o convívio da grande família da solidariedade social. No final foi a visita ao Centro de Formação de Artesanato em que a Maria Adelaide descreveu um pouco a história do Artesanato e foi entregue à Vice-Governadora o projecto de uma construção que o Centro Social pretende instalar aí nesse local, e o pedido de apoio do Governo Civil a essa construção que se torna urgente e muito necessária para dar resposta às necessidades das actividades existentes.

Terminou assim uma tarde de verdadeiro convívio social vivido em ambiente de paz, alegria e fraternidade.

SOUTO

Cantou-se os Reis na freguesia

O Grupo Coral desta freguesia orientado pelo seu digníssimo maestro Dr. José Marques, cantou os Reis.

Manter a tradição e angariar fundos para o Centro Social e Paroquial foram os objectivos.

Acompanhado do Pároco percorreram a freguesia; foram bem recebidos em todos os lares e os soutenses mais uma vez foram generosos.

É animador quando todos colaboram e mostram interesse pelo

engrandecimento da paróquia.

Esta iniciativa do Grupo Coral é realce de louvor, a ele e a todos que com sacrifício participaram e contribuíram, a Comissão de Obras, muito agradece.

H. S.

XXVI DIA MUNDIAL DA PAZ - 1 DE JANEIRO DE 1993

Se queres a Paz vai ao encontro dos pobres

Mensagem de Sua Santidade JOÃO PAULO II

« Se queres a paz... »

1. Qual é a pessoa de boa vontade que não aspira pela paz? Esta é hoje reconhecida universalmente como um dos valores mais elevados a ser procurados e defendidos. Apesar disto, enquanto se vai dissipando o espectro de um conflito atroz entre blocos ideológicos opostos, graves conflitos locais continuam ateando-se em várias regiões da terra. Particularmente, salta à vista de todos a *dramática situação actual da Bósnia-Herzegóvina*, onde os acontecimentos bélicos continuam a ceifar cada dia novas vítimas, especialmente entre a população civil inerte, e a causar ingentes danos às coisas e ao território. Parece que nada consegue opor-se à violência insensata das armas: nem os esforços conjuntos a favor de uma trégua, nem a acção humanitária das Organizações Internacionais, nem as súplicas de paz que se elevam em coro daquelas terras ensanguentadas pelos combates. Infelizmente, a lógica aberrante da guerra prevalece sobre os reiterados e qualificados convites à paz.

Vai-se também afirmando no mundo, com uma gravidade sempre maior, *uma outra séria ameaça à paz*: muitas pessoas, mais, inteiras populações vivem hoje em *condições de extrema pobreza*. A disparidade entre ricos e pobres tornou-se mais evidente, mesmo nas regiões economicamente mais desenvolvidas. *Trata-se de um problema que se impõe à consciência da humanidade*, visto que as condições em que se encontra um grande número de pessoas são tais que ofendem sua dignidade natural e comprometem, consequentemente, o autêntico e harmónico progresso da comunidade mundial.

Esta realidade emerge em toda a sua gravidade em numerosos Países do mundo: tanto na Europa como na África, Ásia e América. Em várias regiões, muitos são os desafios sociais e económicos com que os cren-tes e homens de boa vontade se devem enfrentar. Pobreza e miséria, diferenças sociais e injustiças até às vezes legalizadas, conflitos fratricidas e regimes opressores interpelam a consciência de inteiras populações por toda a parte do mundo.

A recente Conferência do Episcopado Latino-americano, que teve lugar em Santo Domingo no passado mês de Outubro, debruçou-se com atenção sobre a situação da América Latina, e, ao repropor com grande urgência aos cristãos a *tarefa da nova evangelização*, convidou instantaneamente os fiéis e todos quantos amam a justiça e o bem a *servir a causa do homem*, sem descuidar nenhuma das suas exigências. Os Bispos lembraram a grande missão que deve congregiar os esforços de todos: defender a dignidade da pessoa, empenhar-se por uma equitativa distribuição dos bens, promover harmónica e solidariamente uma sociedade onde cada um se sinta acolhido e amado. Estes são, como se pode ver, *os pressupostos imprescindíveis para construir a verdadeira paz*.

De facto, dizer « paz », é dizer bem mais do que a simples ausência de guerra; é postular uma condição de autêntico respeito da dignidade e dos direitos de cada ser humano, de tal modo que lhe consinta realizar-se plenamente. A exploração dos mais fracos, as preocupantes faixas de miséria, as desigualdades sociais constituem outros tantos obstáculos e empecilhos para a consecução de condições estáveis de uma paz autêntica.

Pobreza e paz: no início de um novo ano, gostaria de convidar a todos para uma reflexão comum sobre as múltiplas conexões entre estas duas realidades.

De modo particular, gostaria de chamar a atenção para a ameaça à paz derivada da pobreza, sobretudo quando esta se transforma em miséria. São milhões as crianças, as mulheres e os homens que diariamente sofrem de fome, de insegurança, de marginalização. Tais situações constituem um grave insulto à dignidade humana e contribuem para a instabilidade social.

A escolha desumana da guerra

2. Actualmente existe uma outra situação, que é fonte de pobreza e de miséria: a guerra entre nações e

os conflitos dentro de um mesmo país. Diante dos trágicos acontecimentos que ensanguentaram e ainda hoje ensanguentam, sobretudo por motivos étnicos, várias regiões do mundo, é necessário lembrar o que já disse na mensagem para o Dia da Paz de 1981, que tinha por tema: « Para servir a paz, respeita a liberdade ». Salientava então que o respeito pelas liberdades e pelos direitos dos outros indivíduos e colectividades, é o pressuposto indispensável para a edificação de uma paz verdadeira. A paz obtém-se promovendo povos livres num mundo de liberdade. Conserva, portanto, toda a sua actualidade o apelo que ali lançava: « O respeito pela liberdade dos povos e das nações é parte integrante da paz. As guerras não cessaram de eclodir e a destruição tem atingido inteiros povos e culturas, porque não foi respeitada a soberania de um povo ou de uma nação. Todos os continentes foram testemunhas e vítimas de guerras e de lutas fratricidas, provocadas pela tentativa de uma nação limitar a autonomia de outra » (n. 8).

E acrescentava ainda: « Sem uma vontade decidida de respeitar a liberdade de todos os povos, de todas as nações e de todas as culturas, e sem um consenso global a respeito disto mesmo, será difícil criar as condições da paz (...) Isto supõe, da parte de cada nação e dos seus Governos, um compromisso consciente e público de renunciar às reivindicações e aos planos que possam constituir um atentado contra outras nações; por outras palavras, isto supõe a recusa de subcrever qualquer doutrina de supremacia nacional ou cultural » (Ibid. n. 9).

Facilmente se podem imaginar as consequências que derivam também de um tal compromisso para as relações económicas entre os Estados. Rejeitar qualquer tentação de domínio económico sobre as outras nações, significa renunciar a uma política inspirada prevalentemente no critério do lucro, para elaborar, ao invés, uma outra guiada pelo critério da solidariedade com todos, especialmente com os mais pobres.

Pobreza como fonte de conflito

3. É vastíssimo hoje o número das pessoas que vivem em condições de extrema pobreza. Penso, entre outras, nas situações dramáticas de *alguns países africanos, asiáticos e latino-americanos*. São grupos imensos, com frequência, faixas inteiras de populações que, nos seus próprios países, se vêem à margem da civilização: entre elas, há um número crescente de crianças que para sobreviver só podem contar consigo próprias. Semelhante situação não constitui somente uma ofensa à dignidade humana, mas representa também *uma inegável ameaça para a paz*. Um Estado, seja qual for a sua organização política e o seu sistema económico, permanece em si mesmo frágil e instável, se não demonstra uma contínua atenção pelos seus membros mais débeis, e não faz tudo o que pode para garantir solução pelo menos às suas necessidades mais elementares.

O direito ao desenvolvimento dos países mais pobres impõe aos países desenvolvidos um dever concreto de intervenção em sua ajuda. Assim se exprime o Concílio Vaticano II, a esse respeito: « Cabe a todos os homens o direito de ter uma parte de bens suficientes para si e suas famílias (...) Os homens têm obrigação de auxiliar os pobres e não apenas com os bens supérfluos (Const. past. *Gaudium et spes*, n. 69). Está clara a advertência da Igreja, eco fiel da voz de Cristo: os bens da terra são destinados a toda família humana e não podem ser reservados para uso exclusivo de poucos (Cf. Enc. *Centesimus annus*, nn. 31 e 37).

Assim sendo, no interesse da pessoa, e portanto da paz, é urgente incorporar nos mecanismos económicos aquelas correcções necessárias que lhes permitam garantir uma mais justa e equitativa distribuição dos bens. Para tanto, não basta o simples funcionamento do mercado; ocorre que a sociedade assumas suas responsabilidades (Cf. *Centesimus annus*, n. 48), multiplicando os esforços, com frequência já significativos, para eliminar as causas da pobreza com suas trágicas consequências. Nenhum país pode conseguir sozinho realizar tal empresa. Por isso mesmo, é

necessário trabalhar juntos, com a solidariedade requerida por um mundo que se tem tornado cada vez mais interdependente. Aceitando a permanência de situações de extrema pobreza, estabelecem-se as premissas para uma convivência social cada vez mais exposta à ameaça de violências e de conflitos.

Cada indivíduo e cada grupo social tem o direito de ser colocado em condições de suprir às necessidades pessoais e familiares e de participar na vida e no progresso da própria comunidade a que pertence. Quando este direito não é reconhecido, acontece facilmente que os interessados, sentindo-se vítimas de uma estrutura que não os acolhe, reagem com violência. Isto vale, em particular, no caso dos jovens, que, privados de uma adequada instrução e do acesso ao trabalho, ficam expostos em maior grau ao risco da marginalização e do abuso. É bem conhecido de todos o problema do desemprego, especialmente dos jovens, no mundo inteiro, com o consequente empobrecimento de um número sempre maior de indivíduos e de famílias inteiras. O desemprego, com frequência, é ainda o trágico resultado da destruição das infra-estruturas económicas num País conturbado pela guerra ou por conflitos internos.

Queria evocar aqui brevemente alguns problemas particularmente preocupantes, que afligem os pobres e, por consequência, ameaçam a paz.

Antes de mais, o problema da *dívida externa*, que, para alguns países, e nestes para as faixas sociais mais pobres, continua a ser um fardo insuportável, não obstante os esforços realizados pela comunidade internacional, governos e instituições financeiras para aliviá-lo. Não são, por acaso, os sectores mais pobres destes países a ter que sustentar o maior peso do reembolso? Uma situação de injustiça como esta pode abrir caminho a um ressentimento crescente, a um sentido de frustração e até mesmo de desespero. Em muitos casos, os próprios governos compartilham o mal estar geral do seu povo, o que se repercute nas suas relações com os outros Estados. Talvez tenha chegado o momento de *examinar de novo, dando-lhe a devida prioridade, o problema da dívida externa*. As condições de reembolso total ou parcial terão de ser revistas, procurando soluções definitivas capazes de reabsorver plenamente as pesadas consequências sociais dos programas de ajustamento. Será preciso também agir sobre as causas do endividamento, unindo a concessão das ajudas à assunção por parte dos Governos do compromisso concreto de reduzir os gastos excessivos ou inúteis — o pensamento, no caso, se dirige às despesas militares — e de garantir que os auxílios cheguem efectivamente às populações necessitadas.

Um segundo problema candente é o da *droga*: é triste e tragicamente conhecida por todos a sua relação com a violência e o crime. Como é sabido também que, *em algumas regiões do mundo, sob a pressão dos traficantes, são precisamente as populações mais pobres que cultivam plantas para a produção da droga*. Os grandes lucros prometidos — que, de resto, representam somente uma mínima parte das entradas derivadas de tais cultivos — constituem uma tentação a que dificilmente conseguem renunciar os que obtêm uma rendimento decididamente insuficiente do seu trabalho tradicional. Portanto, a primeira coisa a fazer para ajudar os cultivadores a superar um tal estado, é oferecer-lhes meios adequados para sair da sua pobreza.

Um outro problema nasce das situações de grave dificuldade económica existentes em alguns países. Estas estimulam *maciças correntes migratórias* para países mais privilegiados, onde, por sua vez, surgem depois tensões que abalam o tecido social. Para fazer frente a estas reacções de violência xenófoba, mais do que recorrer a medidas provisórias de emergência, interessa incidir sobre as causas, promovendo, mediante novas formas de solidariedade entre as nações, o progresso e o desenvolvimento nos países de origem dos fluxos migratórios.

(Continua na pág. 8)

BOURO (Santa Maria)

Natal fora de portas

As recentes festas natalícias tiveram, para os habitantes de Bouro, uma tonalidade diferente. Aquilo a que se poderia chamar um «Natal fora de portas». E isto porque, tal como é do conhecimento geral, a Igreja Paroquial se encontra encerrada para obras de conservação e restauro.

Se as vozes se vão fazendo ouvir, no sentido de se voltar a ter o serviço religioso na Igreja Paroquial, elas foram mais unânimes por ocasião das festas de Natal e Ano Novo, mormente pelo facto de o Salão da Junta de Freguesia, que amavelmente tem sido cedido para o culto, se

tornar pequeno para acolher os fiéis que lá acorrerem, pese ainda o facto de se contar com a presença de muitos emigrantes que quiseram vir passar o Natal em família.

Mesmo assim, foi bonito ver-se o empenhamento colocado em fazer-se o habitual presépio, bem enquadrado no espaço disponível, e que chamou a atenção de quantos por lá passaram, pois puderam ver a representação do Presépio de Belém, também ele «fora de portas» porque «não havia lugar para Ele na hospedaria». No coração dos fiéis de Bouro, Jesus nasceu, porque mais importante que o espaço litúrgico de uma Igreja é, sem dúvida o am-

biente criado no coração de cada homem para que Jesus possa nascer.

Quanto às obras da Igreja, vão prosseguindo, embora não sejam obras das quais se consiga ver o andamento, dada a complexidade de alguns pormenores minuciosos que englobam.

Cantares dos Reis

Foram vários os grupos de cantares dos Reis que quiseram percorrer os caminhos da freguesia a manter uma bela tradição, com finalidades diferentes, mas sempre com o espírito de alegria que identifica o povo do Minho.

Do Infantário a comissões de festas, passando pela Escola Primária,

os grupos quiseram manter uma tradição que leva em si a profunda vivência do Mistério do Nascimento e da Revelação de Jesus a todos os povos e gentes.

Baptizados

Foi no dia três de Janeiro que a comunidade paroquial de Bouro (Santa Maria) viu crescer o número dos seus filhos, renascidos pelo Sacramento do Baptismo.

Marta Antunes Afonso, filha do sr. João Martinho Gonçalves Afonso e da D. Maria das Neves da Rocha Antunes, residentes no lugar de Lordelo, e Mónica Alexandra Coelho Ribeiro, filha do sr. João Fernandes Ri-



beiro e da D. Laura Ribeiro Coelho, residentes no lugar de Ferraria, são as novas filhas de Deus.

Corrigindo

Por lapso, noticiamos na última edição o fale-

cimento da sr.^a D. Clementina Rosa Fernandes, quando o verdadeiro nome é Clementina Maria Gonçalves, e que tinha oitenta e seis anos de idade. Pelo nosso erro, expressamos o nosso pedido de desculpa.

Se queres a Paz vai ao encontro dos pobres

(Continuação da pág. 7)

Ameaça subtil, mas real à paz é, pois, a *miséria*: esta, aviltando a dignidade do homem, constitui um sério atentado ao valor da vida e atinge no seu âmago o progresso pacífico da sociedade.

Pobreza como fruto do conflito

4. Nos últimos anos, temos assistido, em quase todos os continentes, a guerras locais e conflitos internos de incrível ferocidade. A violência étnica, tribal e racial destruiu vidas humanas, dividiu comunidades que no passado conviviam serenamente, semeou lutos e sentimentos de ódio. O recurso à violência, de facto, exaspera as tensões existentes e cria outras novas. *A guerra nada resolve; pelo contrário, tudo fica seriamente comprometido com a guerra.* Frutos deste flagelo são o sofrimento e a morte de inumeráveis pessoas, o esfacelamento das relações humanas e a irreparável perda de imensos patrimónios artísticos e ambientais. A guerra agrava os sofrimentos dos pobres; mais, cria novos pobres, destruindo os meios de sobrevivência, casas, propriedades, e atingindo o próprio tecido do meio ambiente. Os jovens vêem quebrantar-se as suas esperanças de futuro e, com frequência, passam de vítimas a protagonistas irresponsáveis dos conflitos. Mulheres, crianças, velhos, doentes, feridos são obrigados a fugir, encontrando-se na condição de refugiados, que nada possuem a não ser o que levam consigo. Inermes, indefesos, procuram refúgio noutros países ou regiões, frequentemente tão pobres e conturbados como o seu.

Mesmo reconhecendo que as organizações internacionais e humanitárias estão fazendo muito para ir ao encontro do trágico destino das vítimas da violência, sinto o dever de *exortar todas as pessoas de boa vontade a intensificar os esforços.* Em alguns casos, de facto, a sorte dos refugiados depende unicamente da generosidade das populações que os acolhem, populações igualmente pobres, senão mais pobres do que eles. Somente com o interesse e a colaboração da comunidade internacional, é que será possível encontrar soluções satisfatórias.

Depois de tantos e inúteis massacres, é de importância fundamental reconhecer, de uma vez por todas, que *a guerra nunca serve ao bem da comunidade humana*, que a violência destrói e nunca edifica, que as feridas por ela provocadas permanecem sangrando ainda por muito tempo, que, enfim, com os

conflitos se agravam as já tristes condições dos pobres e se criam novas formas de pobreza. Está diante dos olhos da opinião pública mundial o espectáculo desolador das misérias causadas pelas guerras. As estereotipadas imagens, difundidas ainda há pouco pelos meios de comunicação social, sejam pelo menos de eficaz advertência a todos — indivíduos, sociedades, estados —, e lembrem a cada qual que o dinheiro não deve ser utilizado para a guerra, nem destinado para destruir ou matar, mas para defender a dignidade do homem, para melhorar a vida e para construir uma sociedade autenticamente aberta, livre e solidária.

Espírito de pobreza como fonte de paz

5. Nos países industrializados, as pessoas aparecem hoje dominadas pela corrida frenética à posse de bens materiais. A sociedade de consumo põe ainda mais em evidência o desnível que separa os ricos dos pobres, e com a procura ansiosa do bem-estar arriscam-se a ficar cegos diante das necessidades dos outros. Para promover o bem-estar social, cultural, espiritual e mesmo económico de cada membro da sociedade, é pois indispensável cercear o consumo descontrolado de bens terrenos e conter o incitamento a necessidades artificiais. *A moderação e a simplicidade devem-se tornar os critérios da nossa vida diária.* A quantidade de bens, consumidos por uma parcela pequeníssima da população mundial, produz uma procura excessiva relativamente aos recursos disponíveis. A redução da procura constitui um primeiro passo para aliviar a pobreza, se a ela se somarem esforços eficazes para garantir uma justa distribuição da riqueza mundial.

A este respeito, o Evangelho convida os crentes a não amontoar bens deste mundo passageiro: « Não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e onde os ladrões furam e roubam; acumulai, antes, tesouros no céu » (Mt 6, 19-20). Isto constitui um dever incluído na vocação cristã, da mesma forma que o de trabalhar por debelar a pobreza; é também um meio muito eficaz para o êxito desta empresa.

A pobreza evangélica é muito distinta daquela económica e social. Enquanto esta tem características cruéis e amiúde dramáticas, sendo padecida como uma violência, a pobreza evangélica é livremente escolhida pela pessoa que pretende assim corresponder à advertência de Cristo: « Qualquer de vós que não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo » (Lc 14, 33).

Esta pobreza evangélica constitui uma fonte de paz, porque graças a ela a pessoa pode criar uma justa

relação com Deus, com os outros e com a criação. A vida de quem se põe nesta óptica torna-se, assim, testemunha da absoluta dependência da humanidade face a Deus que ama todas as criaturas, e os bens materiais acabam por ser reconhecidos por aquilo que são: *um dom de Deus para o bem de todos.*

A pobreza evangélica é uma realidade que transforma os que a acolhem. Eles não podem permanecer indiferentes diante do sofrimento dos indigentes; pelo contrário, sentem-se impelidos a partilhar activamente com Deus o amor preferencial por eles (Cf. Enc. *Sollicitudo rei socialis*; n. 42). Estes pobres segundo o Evangelho, estão prontos a sacrificar os seus bens e a si próprios, a fim de que outros possam viver. O seu único desejo é viver em paz com todos, oferecendo aos outros o dom da paz de Jesus (Cf. Jo 14, 27).

O Divino Mestre, com a sua vida e as suas palavras, nos ensinou as exigências típicas desta pobreza que predispõe para a verdadeira liberdade. Ele « que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus, mas despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo » (Fil 2, 6-7). Nasceu na pobreza; criança ainda, foi obrigado a partir para o exílio com a sua família para escapar à ferocidade de Herodes; viveu como alguém que « não tem onde reclinar a cabeça » (Mt 8, 20). Foi difamado como um « glutão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores » (Mt 11, 19) e padeceu a morte reservada aos criminosos. Chamou bem-aventurados os pobres, assegurando que deles é o Reino de Deus (Cf. Lc 6, 20). Lembrou aos ricos que o engano da riqueza sufoca a Palavra (Cf. Mt 13, 22), e que é difícil para eles entrar no Reino de Deus (Cf. Mc 10, 25).

O exemplo de Cristo, não menos do que a Sua palavra, é norma para os cristãos. Nós sabemos que, no dia do juízo universal, todos sem distinção seremos julgados sobre o nosso amor concreto pelos irmãos. Mais, será no amor realmente exercido que muitos, naquele dia, descobrirão ter, de facto, encontrado Cristo, mesmo não O tendo conhecido antes explicitamente (Cf. Mt 25, 35-37).

« Se queres a paz, vai ao encontro dos pobres! ». Possam os ricos e os pobres reconhecerem-se irmãos e irmãs pela partilha dos seus bens, como filhos de um só Deus que a todos ama, que quer o bem de todos, que oferece a todos o dom da paz!

Vaticano, 8 de Dezembro do ano 1992.

Joannes Paulus PP.

DESPORTO

Campeonato Distrital da II Divisão - Série C

RESULTADOS

Outeiro, 0-Arões, 0; Guilhofrei, 0-Briteiros, 0; Rendufinho, 0-Terras de Bouro, 0; Garfe, 0-Pica, 0; Figueiredo, 2-Golães, 0; Formelos, 0-São Nicolau, 1; Vasco da Gama, 1-Gonça, 0; Paços, 0-Fermilense, 0; Brito, 4-Mosteiro, 1.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Garfe	12	8	4	0	28-9	20
Terras do Bouro	12	7	4	1	27-12	18
Vasco da Gama	12	7	3	2	20-9	17
Golães	12	7	3	2	19-10	17
Brito	12	5	4	3	12-10	14
Mosteiro	12	5	4	3	16-15	14
Arões	12	4	5	3	17-13	13
Gonça	12	6	1	5	19-17	13
Briteiros	12	4	4	4	13-13	12
Fermilense	12	3	6	3	12-12	12
Pica	12	4	4	4	11-14	12
Figueiredo	12	3	4	5	15-15	10
São Nicolau	12	4	2	6	18-27	10
Guilhofrei	12	1	6	5	12-17	8
Rendufinho	12	2	4	6	7-18	8
Paços	12	1	5	6	5-17	7
Formelos	12	2	2	8	11-23	6
Outeiro	12	0	5	7	6-17	5

PRÓXIMA JORNADA (17 de Janeiro)

Outeiro-Guilhofrei; Briteiros-Rendufinho; Terras de Bouro-Garfe; Pica-Figueiredo; Golães-Formelos; São Nicolau-Vasco da Gama; Gonça-Paços; Fermilense-Brito; Arões-Mosteiro.

Nacional da III Divisão - Série A

Resultados:

Taipas-Santa Maria	2-1
Vila Pouca-Ronfe	1-1
Montalegre-Amares	0-3
Neves-Bragança	1-1
Lanheses-Limianos	1-0
Mãe d'Água-Maria da Fonte	0-1
Merelinense-Vieira	1-0
Joane-Pedras Salgadas	0-0
Delães-Marinhas	2-0

Classificação

	J	V	E	D	F-C	P
Marinhas	14	7	5	2	22-18	19
Lanheses	14	7	5	2	19-10	19
Ronfe	13	8	3	2	28-4	19
Santa Maria	14	6	5	3	25-15	17
Vila Pouca	14	8	1	5	24-22	17
Pedras Salgadas	14	5	6	3	19-15	16
Limianos	14	5	5	4	17-12	15
Bragança	14	5	5	4	17-12	15
Joane	13	5	4	4	11-11	14
Vieira	14	5	4	5	11-12	14
Maria da Fonte	14	5	3	6	12-18	13
Amares	13	5	3	5	18-17	13
Neves	14	5	2	7	25-23	12
Delães	14	3	5	6	14-20	11
Merelinense	14	4	3	7	8-21	11
Taipas	14	1	7	6	5-12	9
Mãe d'Água	14	2	4	8	6-26	8
Montalegre	13	2	2	9	11-24	6

Próxima jornada (23 de Janeiro):

Delães-Santa Maria; Ronfe-Taipas; Amares-Vila Pouca; Bragança-Montalegre; Limianos-Neves; Maria da Fonte-Lanheses; Vieira-Mãe de Água; Pedras Salgadas-Merelinense e Marinhas-Joane.

Campeonato Nacional da I Divisão

RESULTADOS

Beira Mar - Guimarães	1-0
Marítimo - Chaves	2-1
Estoril - F.C. Porto	1-3
Belenenses - Boavista	2-1
Paços Ferreira - Benfica	0-2
Tirsense - Sporting	0-1
Salgueiros - Farense	0-0
Famalicão - Espinho	0-0
Sp. Braga - Gil Vicente	0-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
F.C. PORTO	18	13	3	2	34-10	29
Benfica	18	10	5	3	28-10	25
Sporting	18	8	7	2	29-13	25
Boavista	18	8	5	5	22-15	21
Belenenses	18	7	7	4	20-15	21
Famalicão	18	6	8	4	16-17	20
Beira Mar	18	5	8	5	12-16	18
Marítimo	18	7	4	7	26-20	18
Salgueiros	18	5	8	5	18-22	18
Sp. Braga	18	7	3	8	19-18	17
Gil Vicente	18	6	5	7	17-25	17
Farense	18	4	8	6	16-17	16
Espinho	18	5	6	7	18-25	16
Estoril	17	4	7	7	19-24	15
Tirsense	18	4	6	8	11-16	14
Guimarães	18	6	2	10	10-28	14
P. Ferreira	18	4	5	9	18-32	13
Chaves	18	1	5	12	13-31	7

PRÓXIMO JORNADA (31 Janeiro)

Gil Vicente - Beira Mar
Guimarães - Marítimo
Chaves - Estoril
Futebol Clube do Porto - Belenenses
Boavista - Paços Ferreira
Benfica - Tirsense
Sporting - Salgueiros
Farense - Famalicão
Sp. Espinho - Sporting Clube de Braga

Campeonato Distrital da III Divisão - Série C

RESULTADOS

Cavez, 2-Ventosa, 2; Santo Estêvão, 0-Estrelas Vermelhas, 0; Estorãos, 2-Gerês, 1; Regadas, 2-Travassós, 1; Cepanense, 4-Alvite, 0; Armil, 3-Silvares, 4; Sobreposta, 0-União Moreirense, 1; Gandarela, 1-Rossas, 0.

PRÓXIMA JORNADA (17 de Janeiro)

Cavez-Santo Estêvão; Estrelas Vermelhas-Estorãos; Gerês-Regadas; Travassós-Cepanense; Alvite-Armil; Silvares-Sobreposta; U. Moreirense-Gandarela; Ventosa-Rossas.

	J	V	E	D	F-C	P
Cepanense	10	6	3	1	18-3	15
Santo Estêvão	10	6	3	1	16-6	15
Rossas	10	6	2	2	25-8	14
U. Moreirense	10	5	3	2	14-9	13
Travassós	10	5	2	3	16-8	12
Est. Vermelhas	10	4	4	2	10-9	12
Gandarela	10	4	3	3	10-12	11
Ventosa	10	5	1	4	14-17	11
Cavez	10	4	2	4	16-16	10
Alvite	10	4	2	4	11-13	10
Sobreposta	10	3	3	4	8-9	9
Silvares	10	3	2	5	16-16	8
Regadas	10	2	3	5	11-16	7
Estorãos	10	2	2	6	11-23	6
Armil	10	1	3	6	11-18	5
Gerês	10	1	0	9	6-30	2

CRÓNICAS SELVAGENS (5)

(Continuação da pág. 10)

E Bárbara, tocada daquela nostalgia das almas puras, esmaecida de cor e com a voz engorjada, desabafou:

— Não é pela razão, homem, que me sinto um caco velho, é pela traição.

A senhora Bárbara morreu com oitenta e cinco anos, já viúva, quando o meu avô tinha os seus vinte e cinco e descera de Vilarinho de Negrões, nas Alturas, até a este nosso vale de Cabeceiras.

Morreu na maior placidez, com os filhos dela e com os filhos dele, todos a chorar, à cabeceira, confortando-a, enquanto o rosário se lhe ia esvaindo, como a vida, por entre os dedos, murmurando, balbuciando, enquanto pôde:

— Deus vos abençoe, meus filhos, a todos. Todos sois meus filhos e a todos levo na lembrança. Morro em paz.

Há dias vi passar para a feira semanal um simpático velho de setenta anos e um amigo meu daquelas serras disse-me:

— Vê aquele homem ali. É neto da senhora Bárbara. Ele desse modo se considera, apesar de, na verdade, não o ser. É fruto de um dos muitos encontros fortuitos do Manuel dos Casais. Reza todas as noites uma avé-maria pela senhora Bárbara, embora nunca ponha os pés na igreja, e a mãe dele, já sepulta, jamais se esqueceu da morgada que lhe mandava as galinhas para o mês da cama.

De Riódouro, dos Fragas, dos Dourados, dos Pires, dos Formigueiros, há sempre uma história bonita para contar. Ponto é saber contá-la com amavios de novelista encartado.

Alexandre Vaz



— CAIXILHARIA DE —

ALUMÍNIO E

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

RIBEIRO, L. da

EXPOSIÇÃO E SEDE: Praça do Condestável, 113 r/c — MAXIMINOS

☎ 616440/616441/616310 — Telex 32112 RIBEIR P — Fax 611228

ARMAZÉM: Rua Dr. Domingos Pereira, 145 Cave — Maximinos — Apartado 418 — 4703 BRAGA Codex

Apontamentos da minha Agenda

Por Manuel Teixeira

ESTA DAS MULHERES SEREM PADRES...

Julgo que a maior parte dos leitores deste prestigioso jornal, já tiveram conhecimento, de que muito recentemente a Igreja Anglicana, no seu último Sínodo de Bispos e representantes, decidiram que as mulheres também tivessem direito ao Sacramento da Ordem, ou melhor, fossem ordenadas padres.

Não tenho nada contra a igualdade dos homens e das mulheres, pois se há homens que admiram a igualdade e liberdade da mulher, eu sou um deles e, Deus sabe bem, até que ponto as admiro.

O Senhor leitor sabe com certeza o que é, esta chamada **Igreja Anglicana**? Ora vamos lá por pontos, para ver se nos entendemos; Deus criou o homem à sua imagem nos princípios do mundo, por isso esse primeiro homem e a primeira mulher, receberam naturalmente uma formação, educação e orientação, permitindo-lhes viver e, se desenvolverem através dos tempos.

Estas primeiras gentes de quem dependemos, viveram através dos séculos influenciados por dogmas e teorias que das mais perfeitas às imperfeitas, os conduziu aos tempos em que Jesus se sentiu na obrigação de vir à terra, mostrar que alguma coisa não estava certa, já lá vão quase dois mil anos.

Pode-se ler em muitos livros e até consultar todas as igrejas que existem sobre a terra, que sempre houve, há e há-de haver, um mistério à nossa volta, que ninguém o poderá conhecer ou compreender, mas sim, nele teremos de acreditar.

Pois já antes de Jesus Cristo vir ao mundo, existiam religiões, fé e dogmas de crenças: Mas foi desde então após a era cristã, que o mundo recebeu um novo ensinamento, que é precisamente através da Igreja Católica Apostólica de Roma, que esse ensinamento continua bem vivo, nos homens e nas mulheres de boa vontade. Mas nada impede a existência de muitas falsas igrejas, falsas religiões, falsos profetas e até

muitas seitas religiosas, que não são nada mais e, nada menos, as tais igrejas do Diabo, que também são tão velhas como o mundo. Pois é daí que nos vem as tais perigosas seitas religiosas.

Por razões sociais e profissionais, frequentei algumas dessas igrejas, li muitos desses livros, ouvi muitos desses propagandistas da boa nova, mas, cada vez mais católico e mais fiel à Igreja Católica de Roma. Pois acontece que só seremos bons se também conhecermos o mal.

Não é novidade para ninguém, quando se fala que temos por esse mundo fora, centenas de igrejas e centenas de religiões, mas também se sabe que a Mãe delas todas e a principal do mundo civilizado, é sem dúvida a dita Igreja Católica Romana, desde o tempo em que Jesus Cristo veio ao mundo ensinar e corrigir, aquilo que já estava muito errado. Porém, e no decorrer dos tempos, esta mesma igreja, também já sofreu algumas dissidências, não na sua forma, mas na sua chefia que foi o caso da Igreja Ortodoxa que se separou de Roma nos anos de 1054 e a Anglicana em 1534.

IGREJA ANGLICANA — ANGLICANUS CHURCH

Como o verdadeiro assunto de hoje é a igreja anglicana, vamos a ela: Igreja, em Latim, diz-se **Eclesia**, em grego, **Ekklesia** e em inglês **Church**. O Anglicano, é desde 1534 a Igreja Oficial da Inglaterra e de alguns ingleses que vivem no mundo, mas em especial nos antigos territórios desse Reinado Unido Inglês. Mas nesses países de religião anglicana, a Igreja Ortodoxa e a Anglicana, são muito parecidas com a nossa dita, Igreja Romana e, são também igrejas muito sérias que nada têm a ver com **Seitas Religiosas**, só que não obedecem a Roma e ao longo dos séculos e dos tempos, criaram novos ritos, usos e costumes, que alguns até serão duvidosos.

Com tudo isto, sabe-se bem, que a Igreja Católica Apostólica Romana, é aquela que mais fiel tem sido aos ensinamentos de Deus e a que menos

dúvidas apresenta ao homem, de um modo geral em todas as partes do mundo e, em todas as sociedades, como muito bem o tem sido provado com essas peregrinações do Santo Padre, junto de todas as gentes e de todas as nações.

Como acima já disse, a Igreja Anglicana e a Ortodoxa, separaram-se de Roma por divergências diferentes, mas a da Inglaterra, foi causada pelo Rei Henri VIII quando pretendia divorciar-se e realizar um outro casamento em que o Papa Clemente VII não autorizava. Foi então criada a tal Igreja Inglesa, em que o Rei seria o seu chefe, assim como ainda o é hoje, a Rainha Elizabeth II.

Nesses tempos, Roma tinha uma certa influência junto das Monarquias e de tal modo, D. Afonso Henriques, 1.º Rei de Portugal, foi coroado em 1145 após o consentimento de Roma.

Dos tais usos e costumes que se vive hoje na Igreja Anglicana e, que alguns deles até nem são os mais válidos, é o caso das mulheres serem ordenadas Padres.

Eu falo nisto aqui hoje, porque esta tomada de posição na Igreja Anglicana, causou até um mau estar em todas as igrejas e em muitas sociedades. Ora não é o caso, se estou de acordo, ou não estou. Também tenho a minha opinião.

É verdade que o mundo vai caminhando, não sei para onde, mas alguma coisa está mal.

A igualdade da mulher e, ou a liberdade a que ela tem direito, não a contesto, mas cada coisa no seu lugar. Isto é: o valor do homem e o valor da mulher, ambos têm utilidade se forem bem compreendidos e respeitados. Pois para isso não vejo nenhuma necessidade de pôr o homem no lugar da mulher e a mulher no lugar do homem. Deus também nos ensinou que o que era de César, era de César e o que era de Deus era de Deus.

Pois só assim seremos respeitados, amados e haverá paz no mundo.

A terra de Riodouro levava as lampas às mais terras do concelho.

De tempos fundos vieram os lobos, os javalis, os zagaís com os seus gados, os cães protegidos por coleiras de puas, a infinita criação rusticana. A água, uma avé-maria puríssima, descia dos cerros por muitos regatinhos, brancos, inocentes e tagarelas, que era abusar da bondade de Deus não a encaminhar para onde criasse flores e frutos.

Terra que nem unto. Fazendas de leite e mel. Bandos de perdizes tocando os alegres tintinábulo. E o sol, um sol rijo e pesadão, de todo genésico, espojava-se sobre a terra à maneira duma galinha choca sobre os ovos da postura.

Bárbara casara, moça, ainda, como as demais, sem que o marido gostasse ou deixasse de gostar dela. Naqueles tempos e naqueles sítios inóspitos e ensilveirados os casamentos preparavam-se pelo catecismo das crianças («dizer a doutrina ao padre»), que era então apenas uma forma canónica, não para matrimoniar pessoas, mas para juntar e fazer crescer as casas de lavoura, na tradição do morgadio. Os bens e o património rural balizavam-se muito acima dos interesses do coração.

O Manuel dos Casais era um homem corpanzil, expedito, olho matreiro, de uma seriedade impoluta em tudo, menos numa coisa, e vivia numa das suas casas ao deslado do povo.

Bárbara, finalha, seca da raia, mas de fibra campesina e alma talhada para o sacrifício.

Vieram os primeiros filhos, enfiados uns nos outros, como uma arrécula de leitões, todos sadios e com uma fome secular, que nada os bastava, apesar da farturinha da serra.

CRÓNICAS SELVAGENS (5)

Os anos dobaram, e o marido, saciado da esposa, atreito desde solteiro a visitar com o maior à-vontade as moças em seus leitos donzeleiros, acabado o período daquilo que ele considerava de sua obrigação conjugal, voltou a fazer filhos no ventre das outras. Dormia noites seguidas aqui, acolá e além-monte e, de vez em quando, ainda se lembrava de fazer cócegas na virgindade de uma que outra rapariga mais arredia e avoadada, para matar as saudades de macho novo. Nada disso dava para tecer um escândalo por aí além. Era quase normal que assim fosse.

Ao tempo dos renovos e do milho restivo, uma amiga de infância, que já era também comadre de Bárbara, calhou de por ali passar, e, amofinada com o que ouvira, afoitou-se a interpelar Bárbara:

— Como é? O teu **home** anda por quantas camas quer, tem filhos das amásias e tu ainda os sustentas?

— Havia de os deixar à fome, não?

A outra entupiú.

Mas a comadre Marcolina mal sabia o pior. É que Bárbara, no **mês da cama**, de cada amante do marido, depois das galinhas e dos seus caldos, mandava-lhes do melhor que tinha: salpicão, presunto, rijões, hortaliças, na boa esperança de que um dia os apriscos do amor cansassem o marido.

O Manuel, porém, como lavrador do Barroso que se prezava, ia cumprindo a sua missão com desassombro e não dando sinais de cansaço.

Mas Bárbara, já ferida demais no seu orgulho de lavradeira querida de todos, estomagou-se; e, quando todos julgavam que a sua paciência era infinita, viram que a despaciência ia tomando conta dela como um caruncho velho.

Uma manhã, no dia do saimento da procissão do Senhor dos Passos, sem dizer água vai, Bárbara, montada na sua burrinha de estimação, foi até à estrada real, onde depois tomou a diligência para Braga, a fim de se «aliviar» um pouco desse honrado luto conjugal.

Aí se acolheu em casa de uma parenta amiga, mas pobre.

Com fraco passadio, sendo ela uma das mais ricas mulheres de Riodouro, se magra era, ficou que nem um canguicho. Saudosa das suas terras altas e arejadas, de seus olhos começou a escorrer um choro miudinho como de fonte que está cansada de correr.

Entrementes, o marido, agravado de seus brios, quando via o tempo a espaçar-se demais, lá metia à cidade dos Arcebispos a rogar a presença, não tanto da mulher, mas da dona de casa, pois sem o seu apurado governo tudo andava a troixe-moixe.

Ouvia sempre a mesma resposta: Não vou!

E ele insistia, persistia:

— Mulher da minha vida, mãe dos meus filhos, tem, dó. A nossa casa não vai bem. Tens de retornar comigo. Aliás, sei que tu aqui, sozinha, sem amizades, passas mal de boca, estás avelhada.

— Mas sinto-me muito bem!

— Como?